

# GUERRA PELA ETERNIDADE



**Tucson**

**Boulder**

**El Paso**

**Bloomington**

**Charlottesville**

**Manhattan**

**Washington, D.C.**

**Petersburg**

**Lima**

**São Paulo**

**Londres**



---

Lugares-chave em *Guerra pela eternidade*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS

EDITORA  
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

BENJAMIN R. TEITELBAUM

## GUERRA PELA ETERNIDADE

O retorno do Tradicionalismo  
e a ascensão da direita populista

*Tradução*

CYNTHIA COSTA

T234g Teitelbaum, Benjamin R.  
Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista / Benjamin R. Teitelbaum; tradução: Cynthia Costa. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

1. Direita e esquerda (Ciência política). 2. Neonazismo. 3. Tradição (Filosofia). 4. Brasil – Política e governo. I. Costa, Cynthia. II. Título.

CDD – 320.5  
– 320.533  
– 306.4  
– 320.981

ISBN 978-65-86253-53-5

---

Título original: *War for eternity: the return of  
Traditionalism and the rise of the populist right*

Copyright © Benjamin R. Teitelbaum  
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2021

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações  
expressas neste livro são de responsabilidade do autor  
e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
Cep 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728  
[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

*Para Liv e Signe.*

*Um homem encontrou um tigre na floresta. Sem modo de escapar ou dominar o animal pela força, ele escolheu a terceira opção e pulou nas costas do tigre. O homem sabia que, se fosse cuidadoso e paciente, ele poderia montá-lo até que o tigre ficasse velho e fraco. Daí ele agarraria o seu pescoço e começaria a apertá-lo.*

Parábola do Leste asiático

## AGRADECIMENTOS

Professores são acostumados a projetos com longos períodos de gestação. Este não era um projeto assim. Devido à atualidade do tópico e à urgência de publicá-lo, tinha de ser pesquisado e escrito rapidamente. Eu não teria tido a chance de fazer isso, nem de ver esta tradução para o português brasileiro, sem sacrifícios e apoio de outras pessoas, tanto na vida profissional quanto na pessoal.

O apoio financeiro do Centro de Artes e Humanidades da Universidade do Colorado, em Boulder, possibilitou a minha pesquisa inicial. Foi graças a um colega de universidade, o violinista e escritor Edward Dusinger, que conheci uma brilhante dupla de agentes literárias do outro lado do Atlântico: Melissa Flashman e Rebecca Carter, da Janklow & Nesbit. O mesmo digo dos editores – Alessandra Bastagli, Casiana Ionita e Jeff Alexander –, que fizeram leituras críticas e especializadas do meu texto em inglês.

Sou profundamente grato a André Kaysel Valesco Cruz, professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de Campinas (Unicamp), por ter possibilitado o contato com a Editora da Unicamp, assim como a Cynthia Costa, por seus talentos excepcionais como tradutora. Ao longo de toda a pesquisa, também contei com a ajuda de alunos assistentes. Agradeço a Pedro d’Avila, por sua cooperação qualificada com material em língua estrangeira (todos os erros de tradução são meus), e a Kelsey Fuller. Os mais altos agradecimentos à minha mulher, Kajsa, por seu apoio a mim e às minhas filhas durante todo o processo.



## SUMÁRIO

Nota do autor .....	11
Prólogo .....	13
1. Pilares da Tradição .....	17
2. Marinheiro quer ser nativo.....	29
3. O mestre Jedi.....	37
4. Tempo de matar .....	45
5. Europa solar .....	57
6. A metafísica do campesinato .....	71
7. Estrangule o tigre.....	83
8. A raça do espírito.....	95
9. O homem contra o tempo.....	103
10. Reuniões esotéricas.....	117
11. Vamos transcender a modernidade .....	131
12. O pico.....	141
13. Jantar na embaixada.....	149
14. Alternativas globais.....	157
15. Fronteiras encantadas.....	169
16. A desintegração do mundo .....	181
17. <i>Alt-Right, Inc.</i> .....	191
18. Bannon contra o mundo .....	201
19. Vamos unir a direita .....	211
20. Brasil profundo .....	223
21. Acerto de contas.....	233
22. Guerra pela eternidade.....	245
Notas .....	255
Índice remissivo .....	267



## NOTA DO AUTOR

Sou etnógrafo de profissão, não jornalista. Aprendi a seguir um método de pesquisa acadêmica segundo o qual estudiosos observam, interagem com e, às vezes, vivem entre as pessoas que estudam por longos períodos. Nesse método, um objetivo importante é a empatia: compreender e interpretar o seu modo de ver o mundo. Em geral, a etnografia dedica-se ao estudo dos pobres e desfavorecidos. Há razões ideológicas e práticas para isso. Estudiosos tendem a ver virtude política em ter empatia e dar voz aos marginalizados, que, por sua vez, costumam ser mais acessíveis – ou menos capazes de resistir – ao estudo. A etnografia não é a melhor ferramenta para produzir críticas apaixonadas sobre os seus sujeitos de pesquisa. Seu uso no estudo de elites poderosas é raro.

Este livro não é propriamente uma etnografia, mas se insere no espaço confuso entre esse método e o jornalismo investigativo. É baseado principalmente em entrevistas e relatos realizados, em sua maioria, entre junho de 2018 e setembro de 2019, incluindo mais de 20 horas de entrevistas gravadas com Stephen K. Bannon. Meu relato também se baseia no tempo que passei informalmente com os personagens principais do livro, ou nos mundos ideológicos e sociais que eles habitam. Como estudioso, meu instinto é relacionar as histórias e os acontecimentos com os quais me defrontei às discussões acadêmicas. Porém, graças à atualidade e à ampla relevância do conteúdo do livro, limitei a quantidade de comentários acadêmicos, colocando a maioria nas notas finais.

Praticamente todas as conversas e declarações sobre as quais escrevo foram entrevistas gravadas com permissão. Nos casos em que não havia um dispositivo de gravação disponível, entrei em contato posteriormente com os participantes para confirmar as transcrições feitas de memória. Minha eficiência nessas e em outras tarefas similares variou, pois eu tinha diferentes níveis de acesso àqueles que estudei. No que diz respeito a Steve Bannon, John Morgan e Jason Jorjani, pude não apenas fazer visitas e

observações prolongadas, como também estabelecer com eles diálogos proveitosos sobre minhas análises e questões ainda não solucionadas. Meu relacionamento com eles tem sido muito mais próximo do que aquele com que estou acostumado como acadêmico. Com outros, sobretudo com Aleksandr Dugin e com Olavo de Carvalho, as interações foram mais limitadas e formais, consistindo em grande parte apenas em entrevistas e não muito mais.

É um desafio separar as interações com os participantes de quem me aproximei mais daquelas com os quais me envolvi menos, bem como recriar conversas e eventos que não testemunhei. Os principais exemplos disso são o prólogo e os capítulos 2, 4, 8, 10 e 12. Esclareço aos leitores que os diálogos falados e internos descritos nesses capítulos vêm de entrevistas que conduzi mais tarde – meses depois, no caso do capítulo 12, e anos depois, no caso dos outros. Tomei a decisão editorial de recontextualizar essas declarações com base na minha compreensão de acontecimentos passados e, no caso do capítulo 12, com base em uma revisão informal do texto feita por um dos participantes (Bannon), mas não pelo outro (Dugin). Na melhor das hipóteses, consegui reproduzir diálogos e eventos; na pior, há ali reflexões e expressões descontextualizadas. Todavia, os leitores podem confiar que citações extensas e diálogos internos substanciais foram declarações feitas a mim pelas pessoas em questão em entrevistas gravadas ou verificadas posteriormente. Observem que, embora Steve Bannon e eu tenham revisado informalmente seções do prólogo e dos capítulos 2 e 12, ele não revisou oficialmente esses materiais citados, nem qualquer outro, apesar de sua intenção de fazê-lo e de um considerável esforço da minha parte (cerca de 50 mensagens de texto e *e-mails* para ele e seus assistentes, enviados de outubro a novembro de 2019, mais uma reunião em Washington D.C. e uma viagem à cidade de Nova York com uma reunião cancelada). Informo ainda que realizei uma leve revisão gramatical das declarações de não anglófonos. Por fim, informo que mudei os nomes de alguns indivíduos secundários.

## PRÓLOGO

Seu carro passa lentamente sobre os paralelepípedos da via del Babuino, em direção à piazza del Popolo – a praça do Povo – onde multidões se reúnem em torno de um obelisco egípcio de dois mil anos, diante dos olhares de leões, demônios e cães de pedra. É uma manhã quente em Roma, em novembro de 2018, e o filósofo e ativista político russo Aleksandr Dugin está se dirigindo a um dos endereços mais exclusivos da cidade para uma reunião da qual ele jurou nunca falar.

Ele desembarca em uma rua perto da praça e caminha entre os arcos brancos do opulento hotel de Russie. Olhando para além do saguão, pelas janelas dos fundos, ele avista o terraço ajardinado que emoldura o pátio e o bar Stravinskij, exuberante mesmo no outono, com palmeiras, choupos, videiras esculpidas e arbustos. Dugin não se demora. Atravessa o saguão e vira na escada, onde é saudado por um encarregado que o conduz adiante, por um corredor, passando por uma série de portas, até chegar a uma suíte e aos braços estendidos de Stephen K. Bannon.

Eles trocam sorrisos e amabilidades enquanto Bannon mede Dugin, examinando os olhos azuis marmóreos do russo e sua longa e característica barba grisalha – emblema de outro lugar e outra época. “Incrível”, diz Bannon. “Pode imaginar o que Washington pensaria?”

Boa pergunta. Dugin estava proibido de viajar para os Estados Unidos e o Canadá desde 2015, após ter, supostamente, convocado um genocídio na Ucrânia. Sua reputação internacional, justificada ou não, como o mentor louco da agenda geopolítica de Vladimir Putin, torna-o particularmente venenoso para alguém como Bannon. Nos Estados Unidos, enquanto isso, a campanha presidencial bem-sucedida de Donald Trump encontra-se sob investigação criminal há mais de um ano e meio, entre alegações de coordenação e conluio com o governo russo durante as eleições de 2016. Bannon administrou aquela campanha e, embora alguns que trabalharam sob seu comando e ao redor dele estejam caindo conforme a investigação

se desenrola – três figuras importantes se declararam culpadas apenas nas últimas semanas –, ele próprio permanece intocado. Agora está cara a cara com o ideólogo mais famoso da Rússia, uma inspiração não apenas para a geopolítica de Putin, mas também para o seu radicalismo.

Eles estão em um dos quartos privativos do hotel e ali permanecerão o dia todo, escondidos dos recepcionistas, *concierges* e mensageiros uniformizados lá embaixo; da agitação da praça do lado de fora; da caça à influência russa no governo dos Estados Unidos, em metástase do outro lado do Atlântico. Não faltam riscos, mas não é possível esperar mais. Ambos querem influenciar um ao outro e, para Bannon, isso implica trazer Dugin para o seu lado e a Rússia para o lado da América. Como? Estabelecendo um vínculo entre ele e seu convidado sobre o qual poucos sabem, e menos ainda entenderiam.



Cerca de oito horas depois, eles emergem da suíte, apertando as mãos e prometendo se encontrar novamente.

“Você é um tipo muito diferente de pessoa, Sr. Bannon.”

“Você também, irmão.”

Reverente, irreverente até o fim. Os assistentes de Bannon começam a informá-lo sobre os planos para o jantar. Dugin desce as escadas, passando pelo saguão do hotel e saindo na noite escura de Roma, onde seu carro o espera. Apesar de todo o tempo que passaram juntos, ainda há muita coisa que não foi dita. Na verdade, Dugin considera Bannon mais do que simplesmente “diferente”, mais, aliás, do que uma mera pessoa. Aquele americano\* saiu de uma terra inculta, uma sociedade forjada no modernismo sem conexão com seu solo, sem ligação com a história e sem raízes sagradas. Ser americano é não ter Tradição, o que tornou a ascensão de Bannon ainda mais espetacular. Pois, ali, entre as ruínas da

---

\* O uso de “americano(s)/americana(s)” como traduções de “*American*”, em vez de “estadunidense(s)”, baseou-se no impacto que esta opção poderia ter nas discussões políticas expostas ao longo do livro, que envolvem etnocentrismo, imperialismo e globalismo. Procurou-se interferir pouco, na medida do possível, na maneira como o autor e seus entrevistados nomeiam povos, nações e nacionalidades. Da mesma forma, na maioria das vezes, usou-se “América” como tradução de “*America*”, mesmo quando o termo se referia não ao continente, mas apenas aos Estados Unidos da América. (N. da T.)

modernidade e do materialismo – no reino da escuridão, às badaladas da meia-noite –, houve uma explosão repentina de luz. O russo vê a ascensão de Bannon ao poder como o início de uma revolta bem-sucedida contra o mundo moderno, profetizada por antigos místicos e detalhada nos escritos de espiritualistas alternativos do século XX. Bannon não é uma pessoa; ele é um sinal escatológico.

Eles podem discordar sobre geopolítica, e suas carreiras podem ter tido altos e baixos. Não importa. Eles são homens diferenciados, homens de espírito, homens contra o tempo – parte da mesma unidade transcendental. *Somos Tradicionalistas*, Dugin pensa consigo mesmo, *e chegou a nossa vez*.





## PILARES DA TRADIÇÃO

Liguei meu gravador. “Então, a minha primeira pergunta, minha principal pergunta é: o senhor é um Tradicionalista?”

Steve Bannon refletiu sobre essa questão sentado à mesa à minha frente, emoldurado por janelas que se abriam para o horizonte do Upper East Side de Manhattan. Era junho de 2018, e estávamos em um dos hotéis mais exclusivos do bairro. Eu havia dado o codinome de Bannon à recepção. Logo um funcionário uniformizado me conduziu até sua luxuosa cobertura, no meio da qual ele presidia seus assistentes, que atendiam a todos os seus pedidos. *Ele fica melhor pessoalmente*, pensei eu, ao vê-lo recém-saído do banho, barbeado e com o cabelo penteado para trás. Jogada no sofá atrás dele estava a sua conhecida jaqueta verde e marrom – surrada, gasta, descabida em qualquer corpo, particularmente no de Bannon em seus momentos mais desleixados e corados. A jaqueta, por si só, havia se tornado um objeto de caricatura e zombaria na cultura pop, um emblema da feiura que muitos viam no próprio homem e em suas ideias; feiura que havia sido a preocupação de liberais exasperados e indignados na Europa e na América do Norte, que tentavam dar sentido às suas muitas contradições e à possibilidade de ele ainda exercer influência em suas sociedades e além.

Ele tomou um gole de seu café. “Depende do que você quer dizer. E, hoje, isso fica em *off*. Depois, podemos ver.”

*Clique.*

Apenas alguns segundos haviam se passado desde que ligara o gravador e já o tinha desligado, mas o que Steve disse nesse intervalo foi altamente revelador. Minha pergunta o fez hesitar e recuar; duvido que ele tivesse feito isso se eu perguntasse sobre os rótulos sensacionalistas que lhe são tão frequentemente atribuídos hoje em dia, como *supremacista branco*, *nacionalista branco* ou *neonazista*. Sua cautela indicava que ele sabia exatamente o que eu quisera dizer com Tradicionalismo, que levava a questão a sério e que estava ciente de que certas respostas podiam ser

condenatórias. Isso significava que o meu esforço – um ano de *e-mails* e de mensagens de texto, idas em vão ao aeroporto e um voo para Nova York, cruzando dois fusos horários, com base em pouco mais que um palpite – tinha valido a pena.

Por Tradicionalismo – com T maiúsculo – estávamos nos referindo a uma escola espiritual e filosófica<sup>1</sup> alternativa, com um grupo eclético, ainda que minúsculo, de seguidores, ao longo dos últimos cem anos. Quando combinado com o nacionalismo anti-imigração, no entanto, muitas vezes é sinal de um radicalismo ideológico raro e profundo, e é por isso que o acompanho. Sou professor universitário e pesquisador do Colorado, especializado em extrema direita contemporânea. Por quase uma década, tenho me dedicado a estudar suas personalidades, histórias de vida, ideologias e expressões culturais, preferencialmente por meio de observações presenciais e interações diretas. É um trabalho complicado – técnica, intelectual e eticamente – que resulta em um fluxo constante de especulações e suspeitas entre os meus amigos e aqueles que me conhecem pessoalmente sobre como eu poderia prosseguir no que faço, e até mesmo apreciar a minha tarefa. De fato, meu interesse pelo assunto tem várias raízes, incluindo medo e alarmismo, mas também a adrenalina da investigação e as lições trazidas pela descoberta de complexidades mais profundas onde eu esperava encontrar somente um tédio brutal. A atualidade do assunto também se tornou um incentivo inesperado. Estudar a direita radical contemporânea é estudar o movimento político mais transformador do início do século XXI. É testemunhar a história.

Durante anos considerei o Tradicionalismo como a curiosa prerrogativa dos membros mais marginalizados de uma causa já marginalizada – a marca registrada de um punhado de intelectuais da direita radical que não simpatizavam com gangues de *skinheads* nem com a política de partidos populistas. Poucas pessoas tinham algum conhecimento sobre isso, mesmo entre estudiosos e jornalistas, porque o tema simplesmente não parecia ter importância. Eu o apresentava na sala de aula para mostrar aos alunos que as pessoas que estudei podiam ser não só assustadoras, como também esquisitas. Em meio a ganhos políticos surpreendentes para as forças nacionalistas e anti-imigração no século XXI, os Tradicionalistas da direita pareciam continuar com um RPG de alta fantasia – um *Dungeons*

♣ *Dragons* para racistas, como disse um aluno. Era desse tipo de coisa que ativistas “sérios” e práticos da direita radical fugiam ao avançarem em direção a oportunidades políticas emergentes e à chance de se apresentarem como líderes viáveis.

É por isso que fiquei chocado quando, ao tratar da eleição presidencial dos EUA de 2016, surgiram rumores na mídia de que Steve Bannon, então estrategista-chefe do presidente Trump e suposto idealizador de sua campanha, havia sido gravado citando nomes de figuras-chave do Tradicionalismo. Que um indivíduo com tão notável poder e influência soubesse sobre essas figuras era quase inacreditável. Como ele havia entrado em contato com o Tradicionalismo? O que isso dizia sobre ele e sobre suas perspectivas para os Estados Unidos e para o mundo? E com quem mais ele estava falando sobre isso?

Eu me perguntei se seria loucura aventar a possibilidade de ele falar *comigo* sobre isso. Eu não sou cientista político, nem jornalista – minha área principal na universidade era etnomusicologia, e isso provavelmente confundiria mais do que impressionaria. Eu tinha, no entanto, uma rara percepção da fusão do Tradicionalismo com a política de direita, bem como uma rede de contatos internos que estava sendo formada havia anos para me ajudar a estudá-lo. Foi o suficiente para eu tentar, mas não o suficiente para me sentir à vontade, sentado ali na frente dele; um homem que, pelo menos por um período, fora uma das pessoas mais poderosas do planeta e que eu tinha conseguido paralisar com uma única pergunta.

Mas deixe-me recapitular primeiro e explicar o que Steve e eu sabíamos quando nos conhecemos.



Pode parecer simples e corriqueiro: Tradicionalismo. É tudo, menos isso.

Em conversas casuais, usamos a palavra *tradicionalista* para descrever alguém que prefere fazer as coisas à moda antiga, acredita que a vida costumava ser melhor e tem uma postura crítica em relação às novas tendências. O tipo de Tradicionalismo de que estou falando pode acidentalmente se sobrepor a esse, mas é muito mais complicado e bizarro. Para explicar a maneira como os Tradicionalistas pensam, é melhor começar

examinando o que eles rejeitam, pois isso é muito mais fácil de entender do que aquilo que defendem. Eles afirmam se opor à modernidade, outro conceito que parece enganosamente corriqueiro. Embora tendamos a pensar em *moderno* como aquilo que é novo ou atualizado, eles se referem à modernidade da mesma forma que um historiador ou um cientista social o faria, tanto como um método de organização da vida social quanto como um período de tempo em que esse método veio a predominar na Europa e no mundo europeizado, o que equivale a dizer de 1800 em diante. De forma geral, pode-se afirmar que a modernização envolve o recuo da religião pública em favor da razão, o que corresponde a um enfraquecimento do simbólico em favor do literal e a um interesse decrescente em coisas que não são facilmente matematizadas e quantificadas – espírito, emoções, sobrenatural – em favor das chamadas coisas materiais. A modernização também envolve a organização de massas de pessoas cada vez maiores em prol de uma mobilização política mais poderosa (nações e colonialismo), da produção industrial e do consumo de bens. Conforme se padroniza a vida social, novas massas populacionais surgem com mais facilidade. Enfim, a modernização centra-se na crença de que, por meio da inovação humana, podemos chegar a um mundo melhor do que o que temos. Em outras palavras, há uma fé no progresso que, no âmbito da política ocidental, tende a se manifestar em forma de apelos por maior liberdade e igualdade.

Os Tradicionalistas aspiram a ser tudo que a modernidade não é – comungar com o que eles acreditam serem verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais, em vez de buscar o “progresso”. Alguns Tradicionalistas trabalham seus valores em um sistema de pensamento que vai muito além da divisão política moderna de esquerda ou direita: alguns até dizem que esse sistema está além do fascismo.<sup>2</sup> Consequentemente, esse sistema infundiu o pensamento de propagadores da direita anti-imigração, populistas e nacionalistas, e o fez de maneira estranha. É anticapitalista, por exemplo, e pode ser anticristão. Condena o Estado-nação como uma construção modernista e admira aspectos do islã e do Oriente em geral. Isso tem cara de direita?

Na verdade, o patriarca do Tradicionalismo foi um francês convertido em muçulmano, chamado René Guénon. Alto e magro, de bigodinho elegante, ele morreu em 1951, no Cairo, após trocar os ternos ocidentais